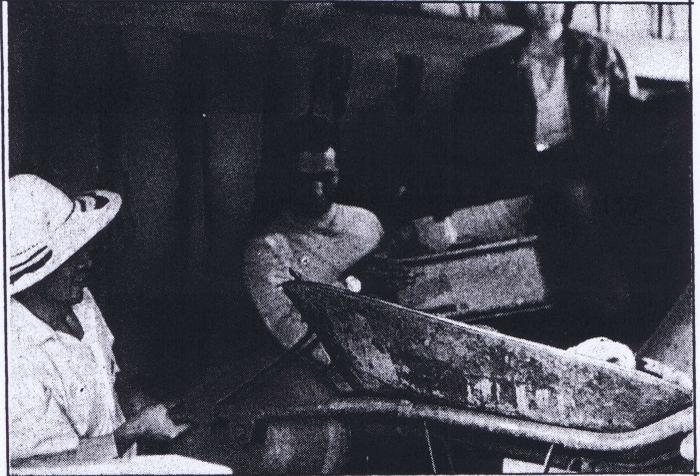


Pedras, bicicletas e Jeep "voam" no sítio de Tatsumi Okabe

Jornalista desta folha constatou o fenômeno que ocorre no Paraguai; tudo pode ser verificado, se quiser



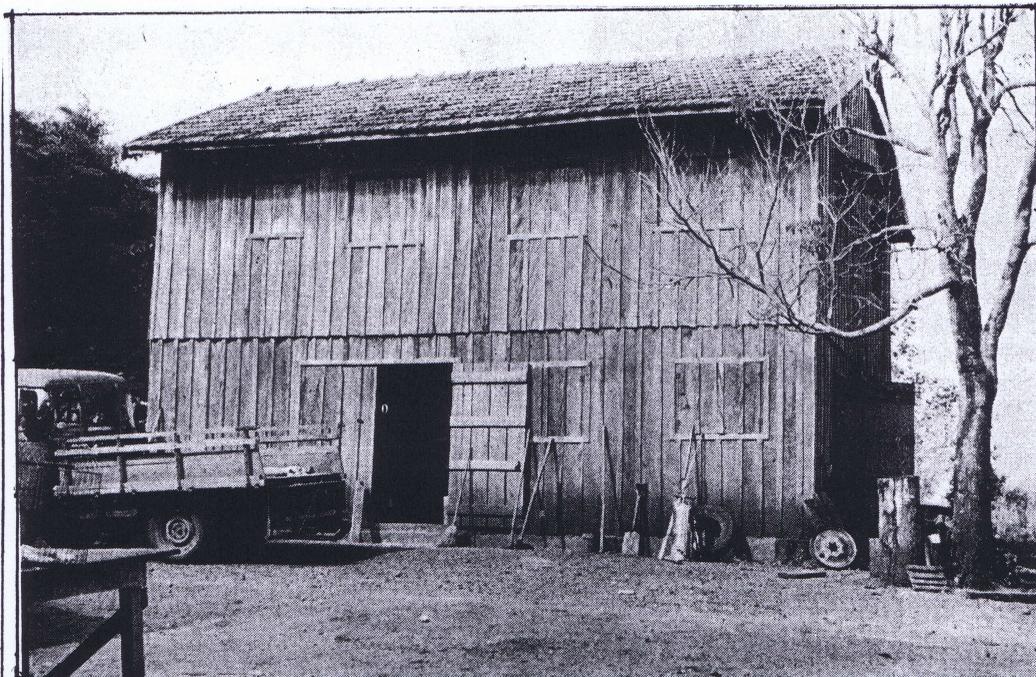
Objetos que foram parar no andar superior. Estes mesmos objetos foram colocados pelo nosso companheiro Akagi e depois surgiram novamente no mesmo local.



Os objetos sendo colocados no andar inferior, no meio aparece Akagi, desta folha, ajudando a carregar.



O Jeep foi parar neste barracão sem deixar nenhum vestígio que indicasse ter rodado, apesar do câmbio estar engatado na primeira. As marcas dos pneus não foram vistas por ninguém.



A residência do sr. Katsumi Okabe, no Paraguai, onde permaneceu 5 dias o nosso colega Kazunari Akagi de JORNAL PAULISTA e constatou estes fenômenos.



O botijão de gás que serve para iluminar a casa e que serve de "alvo". As pedras (tamanho de um ovo) são arremessadas e somente são perceptíveis a um metro de diâmetro.

As pedras voam. Não importam o tamanho. De tamanho de um ovo até 20 ou trinta quilos. Os tomates verdes são atirados as costas dos plantadores e lavadores. Não se dormem em camas e o assoalho com "futon" é o local mais seguro. Pois, diziam a gente é empurrado da cama durante a noite. Estes fatos narrados a princípio por pessoas que constataram este fenomeno foram publicados em japonês pelo JORNAL PAULISTA. Apesar da austeridade e a linha que mantém esta folha desde a sua fundação não foram suficientes para que os leitores tivessem uma definição melhor dos casos sobejamente conhecidos, que vinham sendo comentados nas proximidades de Pontaporá, do lado do Paraguai.

A direção desta folha, como sempre ocorre em casos desta natureza, convocou o reporter Kazunari Akagi, jornalista habituado a viajar e descrente de tais fatos. Prontificou-se a desvendar por vez este mistério, já que o mesmo não acreditava nos pormenores relatados por conhecido artista e um produtor de vendas de determinado produto agrícola. Os primeiros contactos foram mantidos e ficou estabelecido que o encontro dar-se-ia na cidade de Dracena, de onde sairiam em condução do próprio promotor de vendas com destino a Pontaporá, cidade que faz divisa com o Paraguai.

AKAGI FALA

A distância de aproximadamente 1.200 quilômetros, foram vencidos sem delongas e sempre com certo ar de indiferença por parte do nosso enviado especial que colocava em dúvida os "contos".

Katsumi Okabe, diz inicialmente Akagi, é o proprietário do sítio de mais ou menos 100 hectares. Vejo ser um homem culto pois é leitor assíduo do Times. Responde as perguntas e fala com do JORNAL PAULISTA também, onde me deixou mais a vontade. Não tenta induzir-me a nada. Responde as perguntas e fala convicção, assim como seus membros da família. Tomo a coisa de início como o leitor deve estar tomando neste instante quando sou indagado pelo meu colega de trabalho da página portuguesa, S. Okamoto. Fui para fazer o teste São Tomé. Preciso ver para crer.

HA TRES ANOS COMEÇOU

Converso com o proprietário inicialmente. São doze horas do Paraguai. O sítio fica menos de vinte quilômetros de Pontaporá, em estrada de terra onde posso notar que o solo é bom para o cultivo. Cheguei no dia 4 ultimo juntamente com o sr. Yasugoro Nakagawa, promotor de venda. A família começa narrar fatos e não acreditei. Preciso ver para crer. Fui convidado para ver uma bicicleta, dois botijões de gás (um cheio), carrinho de mão, etc., no andar superior (a casa de madeira é sobrado) junto ao assoalho. Julguei ser brincadeira

de algum filho do sr. Okabe. Ajudo a descer estes objetos e volto para obter o visto de permanência como turista. Quando retorno os mesmos objetos estavam outra vez no mesmo local. Pensei comigo outra vez, que não passava de brincadeira. Já a noite, na hora do jantar notei barulho junto ao botijão de gás (serve para iluminar) onde pedras do tamanho de um ovo eram jogadas, fazendo barulho. Afastei-me da mesa e tento fotografar as pedras chegando, pois é perfeitamente perceptível em uma distância de um metro de diâmetro. Não consigo, portanto, é desnecessário dizer que não acreditava ainda deste fenomeno. apesar do barulho, pedras, etc.

Aliás, antes de me afastar do local e correr para a cozinha, onde vinha o barulho, apesar de fraca luz andei normalmente e não deparei com objeto algum no caminho, mas a filha do sítiante ao passar pelo mesmo local derubou uma lata de talco. Pensei, duvidei e não acreditei. Poderiam te-la colocado sem perceber.

BALAS CAEM DE CIMA

Ao deitar constatei que balas caíam no local onde dormia. Poderia ser alguém atirando de outro quarto, pois não havia teto e os quartos são separados por tábuas apenas.

N'outro dia às 21 horas quando a dona da casa preparou a minha cama ouvimos um barulho enorme, subimos correndo ao quarto e deparei com um grande maçarico sob minha cama. Há questão de segundo atrás nada havia, segundo a sra. Okabe que havia preparado o meu leito. Não acreditava em nada ainda.

JEEP VOA...

Havíamos deixado o Jeep Toyota 1962 defronte a porta da entrada e quando havíamos subido para o quarto notamos outro barulho do lado de fora. Descemos e não achamos o Jeep onde havíamos deixado. Procuramos e fomos encontrá-lo um pouco mais adiante, defronte o paiol com o parachoque amassado. Notei que haviam (?) engatado a primeira. Procuro o rastro para ver as marcas do pneu. Não vejo nada. Penso seriamente no caso. Vejo um declive onde o Jeep poderia ter desgovernado, descido, mas... a direção teria que ser outra e não ao lado do paiol. N'outro dia chego a seguinte conclusão: carregaram o Jeep. Não havia marca nenhuma. Disse que pensava seriamente, mas não acreditava ainda. Jeep não voa. As 17.45 horas do Paraguai já é bastante escuro. Nakagawa tenta acionar o Jeep e dar umas voltas para surgir mais novidades. Segundo a família Okabe quando mais se faz barulho de motor mais casos (?) acontecem.

TESTE SÃO TOMÉ

Não acreditando fiz o teste São Tomé. Solicitei que todos se retirassem e permaneci de vigília na escadaria que dá acesso ao sobrado. Unico local de passagem. Quando se liga o motor houve-se muito barulho. São pilhas usadas (usa-se muito para faroletes, etc.) que vão de encontro com as paredes. A mulher grita. Está acontecendo algo. Corro para o quarto onde havia estado (subia de minuto a minuto, sem me descuidar da escada), e deparei com um trilho cortado em cima da cama. O peso do trilho, usa-se em estrada de ferro, é de 24,500 gramas. Passei a acreditar nos fenomenos. Havia feito o teste São Tomé. Não me assusto com nada. A noite sempre deparei com roupas intimas de mulheres (baby-doll) sob as árvores São peças japonesas e de Nylon que estavam guardadas (e bem guardadas) em armários. Não adiante ocultar que voam durante a noite, dando má impressão, diziam-me.

EMBAIXADOR JAPONES

O Embaixador Japonês Sanetoni esteve no local após ter lido as reportagens publicadas por esta folha (na primeira matéria onde não acreditava e relatada pelo pintor e Nakagawa). Leva da presente entre outras coisas latas de balas, as mesmas que são jogadas em cima da gente. A dona da casa lembra, em determinada noite que são balas do embaixador que caem. Corro para a cozinha junto com a dona. Conto as balas da lata, volto para a cama. O caso se repete e conto as balas. Realmente estas são tiradas da lata. Não duvido de mais nada. Pedras são atiradas de fora. Pego em uma delas. Está quente. A pedra quente pega dentro de casa apesar das janelas estarem bem fechadas. Fico cinco dias no sítio, e não tenho duvidas quanto ao fenomeno inexplicável. Fiz o teste que devia constatei o fato, escrevi, publicamos e como é natural pode permanecer algumas duvidas. A estes só posso recomendar. O local fica a uns 20 quilômetros da divisa de Pontaporá. É fácil de se chegar ao sítio da família Katsumi Okabe. Todo mundo conhece o caso na região. Fiz o meu dever profissional e os fatos narrados são constatados por mim, pelo artista Hideo Sasaki e pelo promotor de vendas Yasugoro Nakagawa. (Texto é de Sussumu Okamoto. Fotos de Kazunari Akagi, nosso enviado especial).